



A GESTÃO DA SALA DE AULA VIRTUAL E OS NOVOS SABERES PARA A DOCÊNCIA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

MARCIA ROZENFELD GOMES DE OLIVEIRA
DANIEL MILL
LUIS ROBERTO DE CAMARGO RIBEIRO

Resumo:

Este trabalho de natureza qualitativa teve como objetivo investigar dificuldades e desafios encontrados por um grupo de docentes universitários, frente a docência virtual. Os docentes respondentes estavam responsáveis por disciplinas na modalidade à distância de cinco diferentes cursos de graduação de uma Universidade Pública Federal, parceira de um Programa Federal de EaD – UAB (Universidade Aberta do Brasil). A análise apresentada foi baseada em dados coletados por meio de um questionário com questões abertas e fechadas aplicado a 80 professores e respondido por 59 deles (47% mulheres e 53% homens). Apesar das dificuldades apontadas, 100% dos docentes afirmaram que a experiência foi muito positiva. A experiência anterior em educação presencial (69% com mais de 5 anos de experiência) também foi apontada como muito importante para 86% dos docentes. Adequar conteúdos e atividades à EaD, não é tarefa trivial, é necessário tempo e espaço institucional para a discussão de novos caminhos e possibilidades de utilização crítica e consciente das novas mídias, do trabalho coletivo, e do que significa essa mudança de postura na construção do conhecimento.

Palavras-chave: docência *online*, formação de professores, educação de adultos, Educação a distância, gestão da sala de aula.

Introdução

As perspectivas para o século XXI indicam a educação como pilar para alicerçar os ideais de justiça, paz, solidariedade e liberdade (Behrens, 2007). Esse tempo de globalização nos leva a pensar em uma educação planetária, mundial, onde as nações e seus diferentes sistemas, econômicos, políticos e sociais se integram e se influenciam mutuamente. Assistimos à transição de uma sociedade industrial, preocupada com a produção de bens materiais, para a sociedade do conhecimento, focada na produção intelectual e seu fluxo e no uso intensivo de tecnologias. Todas essas mudanças exigem uma aprendizagem constante, flexibilidade e criatividade (Hargreaves, 2004). Isso reflete na formação dos profissionais em todas as áreas do conhecimento. Torna-se relevante alertar que o profissional esperado para atuar na sociedade contemporânea necessita de uma formação qualitativa diferenciada. No campo da educação, e mais especificamente na formação de professores, é um momento novo e rico de possibilidades, repleto de desafios gerados na e pela forma que o conhecimento é produzido e socializado (Alonso, 2008).

Porém, não se pode falar do futuro da educação sem certa dose de cautela, principalmente em um país com a extensão geográfica como a do Brasil e que apresenta

tantas desigualdades regionais. A Educação a Distância (EaD) — cujas flexibilidade espaço-temporal e possibilidades da formação em nível superior, principalmente dos professores, mostram-se promissoras — necessita ser pensada como parte das políticas implantadas para reduzir as desigualdades e não como um instrumento para aprofundá-las (Litwin, 2001). A educação em geral e a EaD em particular, assim como outras esferas da sociedade atual, vive uma nova experiência espaço-temporal e isso tem influenciado diversas atividades humanas (Harvey, 2001). Para esse autor, as principais transformações contemporâneas podem ser atribuídas a uma crise da nossa experiência do espaço e do tempo. Pergunta-se, portanto, que configurações tomaram os espaços e tempos de trabalho no ciberespaço? Trazendo para a educação, como tem sido realizado o trabalho docente na EaD?

Compreender o significado dos espaços-tempos da educação a distância exige entendimento de suas especificidades, pois trata-se de uma lógica de organização espaço-temporal diferenciada da experiência de tempo e espaço da educação presencial. A adoção de tecnologias digitais constitui, por si só, uma peculiaridade essencial, da qual outras tantas podem decorrer. Nesse contexto, o trabalho dos docentes da EaD também passa por uma reconfiguração, a exemplo da gestão da sala de aula. A própria noção de sala de aula foi reconfigurada em função do desenvolvimento tecnológico recente, abalando a compreensão de “materialidade” da sala de aula (virtual). Nesse contexto, pretende-se nesse texto abordar também as estratégias e dificuldades encontradas pelos docentes da EaD no processo de gestão da sala de aula para a construção do conhecimento.

Possibilidades e desafios que se abrem com a EaD

De um lado, surgem situações propícias para o desenvolvimento de uma nova pedagogia (investimento em equipamentos e mudança de mentalidade em relação ao uso de novas tecnologias) e, de outro, as condições de trabalho dos professores não se apresentam como adequadas para desenvolver tal pedagogia.

No Brasil, país com dimensões continentais, são as diversidades contrastantes do ponto de vista econômico, social e cultural que colocam algumas regiões do país como excluídas, ou à margem desse processo. O acesso à energia — a qual permite a inclusão no mundo da tecnologia de comunicação a distância, inserindo o indivíduo na Internet e na evolução tecnológica digital, que são as condições para promover a EaD de quarta geração — não está garantido. Ainda temos hoje 12% da população nacional sem acesso à energia elétrica (Mundim, 2006). Nesse contexto, podemos inferir que, se não forem adotadas ações (no âmbito das políticas públicas) para minimizar essas questões, qualquer desenvolvimento e implementação de metodologias baseadas na modalidade educacional *online*, atingirão apenas as camadas da população elitizadas nos grandes centros. Desta forma, a possibilidade de democratização da educação por meio da EaD já estará comprometida de início.

No bojo das mudanças vividas pela formação de professores deste século estão os docentes da EaD; novas formas de ensinar e de aprender foram geradas e, portanto, profissionais com um novo perfil são demandados. Essa nova lógica de ensino-aprendizagem requerida pela *era da informação* contrasta com a carência de formação de profissionais para desenvolver atividades com o apoio das novas tecnologias (Mill e Jorge, 2007).

Neste cenário contextualizamos algumas questões que podem nos ajudar a minimizar esse desafio, orientando a capacitação de professores universitários a atuarem

na modalidade EaD. Com base no que foi exposto acima analisaremos o resultado de uma pesquisa desenvolvida com professores universitários inseridos em um programa de educação a distância de uma universidade pública brasileira.

Ao iniciarem sua participação como professores de cursos a distância, novos desafios foram colocados aos professores, mesmo àqueles que possuem ampla experiência na docência presencial. Assim, o presente trabalho tem por objetivo analisar e buscar compreender possíveis respostas às seguintes questões:

- *Quais são as principais dificuldades encontradas na docência virtual quando comparada a presencial?*
- *Que particularidades o trabalho docente virtual guarda em relação ao trabalho docente tradicional?*
- *Quais os novos saberes e conhecimentos necessários para essa prática docente que precisam ser incorporados aos saberes docentes, para a superação das dificuldades?*

A docência na EaD

Segundo Tardif (2000), os professores são os principais mediadores da cultura e dos saberes escolares. Entender o professor como sujeito que produz, estimula e desenvolve conhecimento, é compreender a sua importância na sociedade. Porém, isso não se dá gratuitamente. De modo a cumprir esses papéis efetivamente, o professor precisa construir uma base de conhecimento, que consiste de um corpo de compreensões, conhecimentos de diversas naturezas para ensinar. Nesse sentido, Schulman (1986, 1987) destaca dois processos importantes: a *base de conhecimento para o ensino* e o *modelo de raciocínio pedagógico*. A base de conhecimento é composta de diversos conhecimentos, entre eles: conhecimento do conteúdo específico, conhecimento de conteúdo pedagógico, conhecimento pedagógico do conteúdo, que pode ser entendido como um “amalgama” entre o conteúdo específico e os demais conhecimentos. Juntos, formam a base do que o professor necessita para ensinar. A esses conhecimentos, podemos incluir outros relacionados ao contexto de vida dos seus alunos, ao currículo, às tecnologias digitais e às metodologias que podem inovar a sua forma de ver o mundo e conseqüentemente de ensinar (e de aprender).

Na abordagem progressista, afirma Behrens (1997), a visão dos professores como intelectuais capazes de promover mudanças amplia o compromisso de tornar possível uma aprendizagem significativa, problematizadora, reflexiva na construção da cidadania; amplia o compromisso por uma aprendizagem que considera os diferentes aspectos que envolvem o contexto dos ambientes culturais, raciais, históricos, de classe e de gênero. A era digital ou *cibercultura* enseja uma prática docente assentada na construção individual e coletiva de conhecimentos e propicia uma expansão da EaD nunca antes vista (Levy, 2004).

Para Kenski (1998), a apreensão do conhecimento na perspectiva das novas tecnologias eletrônicas de comunicação e informação ao ser assumida como possibilidade didática, exige que se oriente a prática docente também em termos metodológicos com base em uma nova lógica.

Nessa perspectiva surge a necessidade de compreender esse novo mundo com uma nova lógica, uma nova cultura, uma nova sensibilidade e uma nova percepção. Assim sendo, novos comportamentos de aprendizagem, novas racionalidades, novos estímulos perceptivos emergem. É preciso que o professor se posicione, não mais como um detentor do conhecimento, mas como um parceiro, que encaminhe, oriente o aluno nas

múltiplas possibilidades e formas de alcançar o conhecimento e se relacionar com ele (Kenski, 1998). É claro que esse posicionamento desejável do professor sofrerá forte influência do modelo de EaD adotado em cada situação. Por exemplo, existem modelos nos quais os docentes preparam suas disciplinas e as ministram e outros em que alguns docentes (professores conteudistas) organizam os conteúdos— com a ajuda de projetistas educacionais —, que são trabalhados pelos alunos sob a supervisão de outros docentes (tutores). Obviamente há modelos intermediários em que os papéis do professor conteudista e do tutor não são estanques e há alguma ou efetiva colaboração entre estes atores. De qualquer forma, como destaca Mill (2006), as atividades docentes na EaD são realizadas por um grupo de docentes, ao qual denomina de *polidocência*, sendo que em algumas instituições um mesmo docente ocupava mais de uma dessas funções (e.g., um professor coordenador de disciplina, atua também como coordenador de curso ou tutor virtual).

A docência virtual implica novos saberes que precisam ser incorporados pelos professores, na medida em que esses se propõem a participar de um programa em EaD. Entre eles destacamos o domínio das TIC, gestão do tempo e o gerenciamento de uma equipe de tutores e, portanto, a capacidade de trabalhar em equipe. Todavia, continua sendo de responsabilidade do professor, a seleção do conteúdo específico, a escolha das metodologias adotadas e o gerenciamento dos alunos, considerando-se, por exemplo, o modelo de EaD no qual o mesmo professor prepara e ministra sua disciplina.

Em relação ao domínio da tecnologia e o uso da Internet, que precisam ser incorporados, na docência *online*, outras mídias podem ser associadas. Anderson (2004) sustenta que as TIC possibilitam a utilização de suportes diferentes para os conteúdos (e.g., multimídia, vídeos e textos), o acesso a fontes ilimitadas de informações (incluindo-se aquelas criadas pelos próprios alunos e docentes) e interações aluno-professor e aluno-aluno síncronas e assíncronas. Dessa maneira, entendemos que ocorre uma ampliação da chamada *base de conhecimento* para a docência, que foi definida por Schulman (1986, 1987); incorporando aí, claro, conhecimentos relacionados ao contexto de vida dos seus alunos (mesmo que a distância), a uma nova visão sobre currículo, às tecnologias digitais e às metodologias que podem inovar a sua forma de ver o mundo e conseqüentemente de ensinar (e de aprender).

Segundo Mayadas e colaboradores (2009), a maioria dos professores virtuais afirmam que pretendem continuar na modalidade EaD, mesmo sabendo das dificuldades enfrentadas nessa experiência (e.g., o fato de a preparação e a atuação na docência virtual ser muito mais intensa (*time-intensive*) que a presencial). Entre os diversos motivos dessa persistência, está a flexibilidade espacial e temporal para os educadores e para os estudantes, oportunidade de crescimento profissional, opção de trabalhar em casa e natureza da interatividade com seus alunos — que os docentes reportam como *de mais alta qualidade* se comparadas às presenciais. Sobretudo, os professores acreditam que com a EaD, estão possibilitando que alunos com necessidade de tempo flexível para estudar possam ser beneficiados, desde que tenham autodisciplina para participar.

As características pessoais de cada professor têm forte influência na forma como enfrentam as dificuldades (Nóvoa, 2002). Assim, as reações e entendimentos do que sejam, de fato, dificuldades podem escapar à nossa percepção. Por isso, tomamos cuidado com as generalizações e apostamos no entendimento de que os professores que se aproximaram espontaneamente da EaD já possuem um desejo e disponibilidade para novas aprendizagens e abertura ao risco inerente às novas iniciativas.

Metodologia e Contextualização

Um dos obstáculos à concepção de cursos de formação docente para a atuação na EaD é o mapeamento ainda deficiente dos saberes e conhecimentos (gerais e particulares) necessários à atuação destes profissionais. Uma das formas de mapeá-los é possibilitar que os próprios docentes os elenque. Nessa direção, *a apreciação docente e as dificuldades encontradas por professores iniciantes na modalidade de educação a distância* constituem o foco deste estudo de caso de natureza qualitativa.

Os dados analisados neste trabalho foram extraídos de respostas, oferecidas por professores (as) atuantes em EaD, de um Programa de parceria da UAB, com uma Universidade Federal. Esta universidade oferece diferentes cursos nessa modalidade, sendo dois para formação de professores (licenciaturas), dois de bacharelado e um de tecnólogo. O ingresso dos alunos tem sido por vestibulares anuais, sendo que já ingressaram três turmas (2007, 2008 e 2009) até o momento, para um total de 2500 vagas. A análise apresentada foi baseada em dados coletados por meio de um questionário com questões abertas e fechadas aplicado a 80 professores e respondido por 59 deles (47% mulheres e 53% homens). Os respondentes eram profissionais experientes na educação presencial (69% com mais de 5 anos de experiência), mas eram novatos na EaD (83% estavam atuando na EaD pela primeira vez). O modelo de EaD adotado pela Universidade faz uso intensivo da Internet de banda larga, utilizando a plataforma virtual MOODLE e TIC para promover a colaboração e a interação docente-aluno (nos dois sentidos) e aluno-aluno de forma — principal mas não exclusivamente — assíncrona. Cada docente responsável por uma disciplina dispõe de tutores (na proporção de um tutor para cada 25 alunos) que lhes auxiliam na oferta da mesma. Muitos tutores — frequentemente indicados pelos próprios professores — têm um papel ativo na fase de organização e preparação do material impresso/ audiovisual e das atividades virtuais. Diferentemente de outros modelos de EaD, os docentes responsáveis pelas disciplinas (i.e., professores conteudistas) não só planejam as disciplinas como também atuam durante a oferta das mesmas.

Para este fim são capacitados com relação ao MOODLE e ao uso de suas ferramentas, por meio de um curso de formação para professores oferecido pelo grupo de coordenadores da EaD da própria Universidade. Neste curso de capacitação, os professores recebem suporte para a elaboração dos respectivos planos de ensino, elaboração de material didático impresso e principalmente eletrônico, com a participação da equipe de projetistas instrucionais e demais técnicos das mídias disponíveis. Além disso, a maioria dos professores, no mês anterior à oferta das disciplinas aos alunos, procura desenvolver uma agenda de encontros regulares com seus tutores (e equipe técnica quando necessário), de modo a delinear a atuação do grupo, decidindo coletivamente as melhores estratégias de trabalho com o conteúdo, os modelos de *feedback* e os critérios de avaliação de desempenho discente.

Resultados e Discussão

Do total dos respondentes, 83% não possuíam experiência anterior em EaD e 100% consideraram positiva a sua participação no programa para sua formação como educador. A experiência anterior em educação presencial (69% com mais de 5 anos de experiência) também foi apontada como muito importante para 86% dos docentes, que afirmaram ter sido a experiência anterior na educação presencial fundamental para um bom desempenho na EaD. Essa afirmação está coerente com a literatura, considerando que a docência presencial e virtual guardam algumas características inerentes à docência

de forma geral. Entretanto quando questionados sobre as dificuldades encontradas na atuação em EaD, diferentes respostas surgiram. Os dados obtidos na pesquisa demonstram que alguns desafios/dificuldades foram percebidos por mais de um docente, inclusive de forma semelhante pelos professores dos diferentes cursos. Procuramos organizar essas respostas em categorias que agrupassem percepções correlacionadas ou semelhantes. O Quadro 1 resume as categorias levantadas para as principais dificuldades apontadas pelos docentes.

Quadro 1: Categorização das dificuldades apontadas pelos docentes

CATEGORIAS	ALGUNS EXCERTOS REPRESENTATIVOS DAS FALAS DOS PROFESSORES			
Novas informações e novas ferramentas na modalidade EaD	<i>Demorei 1 ano para digerir as idéias e procedimentos básicos. Dificuldades ocorreram ao longo do processo de construção da disciplina por conta da minha falta de experiência com o ambiente da disciplina - ferramentas, MOODLE, etc.</i>	<i>A Disciplina seria muito mais interessante se tivesse a oportunidade de confirmar os conceitos teóricos com as atividades práticas, não foi muito fácil criar atividades práticas virtuais.</i>	<i>Minha maior dificuldade é, indubitavelmente o domínio tecnológico. Uso da tecnologia.</i>	<i>Tempo para aprender a trabalhar direito com o MOODLE. Principalmente com relação às notas dos alunos.</i>
Gerenciamento da equipe de tutores (virtuais e presenciais)	<i>Durante a oferta também há um trabalho adicional no gerenciamento/ orientação da equipe de tutores e alunos, mediação pedagógica e sincronização/ comunicação com a coordenação do curso</i>	<i>Tenho observado que a escolha do tutor faz toda a diferença no bom funcionamento da disciplina..</i>	<i>Se tivéssemos um "super-tutor" para nos auxiliar na administração, seria ótimo. Pelo menos quando tivéssemos muitos alunos (250 alunos).</i>	<i>Dificuldade de acertar a parceria com alguns tutores.</i>
Falta de tempo para fazer um acompanhamento mais próximo do processo	<i>Tenho também dificuldades de lidar com tantos alunos de forma abstrata e saber quem são, como estão se sentindo e como está transcorrendo a aprendizagem concretamente.</i>	<i>Disponibilidade maior de tempo para acompanhamento do trabalho dos tutores.</i>	<i>O que causa alguma frustração... mas com 250 alunos e sendo a EaD uma carga horária extra para o professor, creio que não há solução muito simples para esse problema .</i>	<i>O professor tem que lidar com 200, 250 alunos de uma vez. Nestes casos, o tutor não resolve nada.</i>
Preparação do material é mais difícil, pelo uso de diferentes mídias e pelo tempo gasto	<i>Elaborar estratégias eficientes de ensino adequadas a nova modalidade com a qual estava a conhecer.</i>	<i>O material (apostila, exercícios, vídeos) tem que ser muito mais detalhados e precisos do que os de um curso presencial.</i>	<i>Achei que a preparação do material didático e a preparação das atividades tomam muito tempo e energia do docente.</i>	<i>O uso de diferentes mídias, o envolvimento de diferentes equipes de apoio e a definição de atividades de aprendizagem</i>

		<i>A preparação do material impresso definiu a cara da disciplina e foi essencial para os passos seguintes.</i>	<i>Forma de preparar as aulas, em particular animações e visual.</i>	
Dificuldade na relação com os alunos	<i>Minha principal dificuldade é dar o feedback geral para os alunos pois dependo da atuação eficiente dos tutores em termos de qualidade e pontualidade com as avaliações.</i>	<i>Dificuldade de perceber na prática o perfil dos alunos e sua acessibilidade com as tarefas</i>	<i>Há muitas exceções a serem consideradas e coisas que seriam pequenos problemas em um curso presencial são grandes problemas na EaD.</i>	<i>Ausência de alunos nas atividades, sendo difícil diagnosticar as razões. Mesmo incentivando os alunos, a participação foi muito aquém do esperado.</i>
Necessidade de equipe de apoio	<i>A preparação do material e o trabalho de configuração do ambiente virtual, demandam previamente uma série de decisões que irão definir a dinâmica da disciplina. Isto precisa ser desenvolvido em equipe e implica em aprender e conhecer novas possibilidades e tecnologias.</i>	<i>A interação com o pessoal de suporte pode ser melhorado</i>	<i>Pontuação que o grupo de apoio - projetista, coordenação, tutores, equipe técnica... - têm uma atuação bastante positiva, o que facilita a apropriação desta modalidade de ensino.</i>	<i>Para gravar os vídeos, não há apoio suficiente -- o ideal é que cada curso tivesse um equipamento em que o próprio professor pudesse gravar o próprio vídeo.</i>
Compreender os conceitos da EaD	<i>Adaptar o conteúdo que uso no presencial para o ensino à distância. Na forma de expor conceitos e idéias para os alunos, pois em EaD a necessidade de um maior detalhamento de forma escrita do que a falada, com exemplificações e sempre realçando e conduzindo o aluno a buscar o conhecimento</i>	<i>Principalmente, compreender a construção de conhecimentos à distância, que considero ainda um desafio.</i>	<i>Inicialmente tive muita dificuldade, pois meu pensamento de professor estava condicionada a modalidade presencial de educação</i>	<i>Como já sinalizado anteriormente, tenho procurado me envolver o máximo possível com as atividades e exigências da EAD e isso me proporciona grande prazer.</i>
Contato mais estreito com os pólos	<i>Acrescentaria a necessidade de o professor ou um tutor sempre acompanhar as avaliações presenciais. Estar</i>	<i>Conhecer os pólos também deve ajudar muito para a adequação das atividades e avaliações presenciais</i>		

	<i>on-line durante a avaliação pode eliminar problemas que tendem a surgir durante a avaliação.</i>			
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

Como pode ser observado no Quadro 1, mesmo que a experiência em EaD tenha sido satisfatória, isso não significa que tenha sido fácil. Concordando com a literatura descrita anteriormente (Mayadas et al., 2009), as respostas sugerem que, de fato, a experiência em EaD foi intensa tanto na sua preparação (com a elaboração de material, escolha de atividades e do conteúdo a ser abordado) quanto durante a aplicação da disciplina. Não temos como proposta esgotar essa discussão no presente trabalho. Devido à importância dessa questão no processo de ensino-aprendizagem, apenas elegemos alguns aspectos para uma breve discussão, que necessita ser aprofundada em trabalhos futuros.

Em relação à dificuldade com *novas informações e ferramentas na EaD*, uma das mais citadas pelos docentes, encontramos que a falta de experiência anterior com as ferramentas e com a plataforma de suporte Moodle (e suas possibilidades) requer tempo e apoio para ser incorporado como recursos didáticos pelos professores, sendo o uso das TIC, ainda uma novidade para alguns.

Como destacado por Kenski (2003) é preciso que esse profissional (docente) tenha tempo e oportunidades de familiarização com as novas tecnologias educativas, suas possibilidades e seus limites, para que na prática possa fazer escolhas conscientes sobre o uso mais adequado ao ensino de um determinado tipo de conhecimento. A autora afirma ainda que a diferença didática não está no uso ou não-uso das novas tecnologias, mas na compreensão das suas possibilidades.

Articulada a essa dificuldade, temos também a questão da necessidade da preparação do material. A dificuldade expressa como *preparação do material é mais difícil, pelo uso de diferentes mídias e pelo tempo* aproxima-se do que foi dito anteriormente, mas agravado pelo fato de que existe uma programação de tempo prevista para o início da disciplina *online*, e a necessidade de uma agenda com a equipe técnica. Esses fatores precisam ser sincronizados pelo professor, que depende de um trabalho em equipe para o sucesso do seu empenho. Na EaD, o docente trabalha por previsão, pois antes de iniciar a disciplina ele precisa ter pronta praticamente todo o seu material didático estruturado para disponibilizar aos alunos.

Na categoria intitulada *necessidade de equipe de apoio*, encontramos respostas que corroboram com o que foi destacado acima. Essa queixa procede, na medida em que nem sempre a equipe técnica tem formação pedagógica para auxiliar o docente nas suas escolhas. Para isso é preciso que os cursos de formação de professores possam garantir a aprendizagem dessas novas competências, as quais, ao lado do saber científico e pedagógico, sejam oferecidas ao professor as possibilidades de ser agente, produtor e crítico das TIC para cada contexto desejado (Kenski, 2003).

Em relação às dificuldades encontradas nas *interações*: professor-aluno, professor-tutor, aluno-conhecimento, as respostas apontam para a necessidade de uma boa sintonia entre os professores e tutores para garantir a qualidade de um *feedback* que corresponda à realidade do que o aluno está vivendo e ao mesmo tempo possa ser uma avaliação diagnóstica dos próprios sujeitos envolvidos, i.e., professores, tutores e alunos

(vide categorias *dificuldade na relação com os alunos e gerenciamento da equipe de tutores*).

A alegação pontual de alguns professores de que os alunos participam pouco e que fica difícil diagnosticar a razão, poderia ser indicativo de que alguns professores precisam rever a forma de trabalho, priorizando as interações e o trabalho coletivo (que requer participação) ao invés de focar apenas o conteúdo ou tarefas individuais e isoladas do contexto da disciplina.

Uma das respostas dos professores é muito representativa das comparações que fazem os docentes em relação ao ensino presencial e virtual: *coisas que seriam pequenos problemas em um curso presencial são grandes problemas na EaD*.

Isto nos leva a entender que, de fato, uma nova lógica de ensino-aprendizagem está em jogo; daí a necessidade de compreender esse novo mundo com outra lógica, nova cultura, nova sensibilidade e nova percepção. Assim sendo, novos comportamentos de aprendizagem e de ensino, novas racionalidades e novos estímulos perceptivos precisam emergir, sobretudo na forma das interações. É preciso que o professor se posicione, não mais como um detentor do conhecimento, mas como um parceiro do seu aluno. Enfim, percebe-se o surgimento de inovações na mentalidade do que entendemos por ensino e por aprendizagem.

Em relação ao *gerenciamento da equipe de tutores*, observamos que a familiaridade do tutor em relação aos referenciais teórico-metodológicos adotados pelo professor é de fundamental importância. Essa familiaridade tem ocorrido porque alguns tutores compõem o grupo de orientandos do professor responsável pela disciplina ou porque o tutor se preparou com antecedência para a função (estudando o conteúdo do curso e discutindo com o professor). O bom “clima de trabalho” entre professor-tutor faz diferença sobremaneira na confiança e desempenho da equipe. O docente que entende essa necessidade e compartilha decisões e autonomia com sua equipe de tutores, admite essa docência compartilhada (*polidocência*) e colabora para que o processo seja bem sucedido.

Na categoria *compreender as conceitos da EaD*, observamos que, apesar dos professores admitirem como fundamental a experiência anterior na educação presencial ela não é suficiente. Em conformidade com Briggs (2005) novos saberes são requeridos na EaD, apesar de algumas similaridades nas duas modalidades. Adaptar o conteúdo e encontrar novas formas de expor os conceitos e idéias aos alunos, inclusive considerando que a EaD exige primordialmente a forma escrita para comunicação, do que falada, foram alguns dos desafios encontrados pelos docentes. Porém, uma das respostas parece ilustrar o que pensam os professores: *“Inicialmente tive muita dificuldade, pois meu pensamento de professor estava condicionado à modalidade presencial de educação”*.

Essa nova maneira de pensar e compreender a docência requer tempo e espaço institucional para uma discussão coletiva em busca da superação da idéia equivocada de que a modalidade de educação a distância possa ser uma adequação/adaptação direta das experiências na educação presencial ou apenas inovação dos recursos midiáticos já utilizados na modalidade presencial.

Considerações Finais

De um modo mais geral, o que se espera é o pleno envolvimento de alguns professores que atuam na EaD e que esse desafio possa ser encarado de forma prazerosa. É importante considerar também que a experiência adquirida na educação

presencial, embora importante para o trabalho docente em EaD, necessita ser resignificada na direção de uma nova prática pedagógica. Essa prática pedagógica, compreendida na sua característica de *polidocência*, será, portanto exercida por uma equipe, tutores virtuais, presenciais, professores, coordenadores e técnicos, exigindo dos docentes a postura de saber trabalhar em equipe.

A mudança da percepção do que se entende por sala de aula, também se modifica exigindo uma nova gestão da *sala de aula virtual*: mais fluida com diferentes possibilidades de interação. Nessa sala ou salas virtuais, o acesso às informações é praticamente irrestrito, o que implica na necessidade do docente assumir o papel de mediador e orientador de seus alunos. Desenvolvendo uma visão crítica e criativa frente a diferentes informações e possibilidades de trabalho na construção do conhecimento.

Entretanto, para que essas condições sejam atendidas, é necessária uma reorganização da carga horária efetiva dos professores, para incluir tempo tanto para pesquisa (no que concerne às melhores formas de desenvolver suas atividades) quanto para a discussão com seus pares. É imprescindível estimular a busca e socialização de melhores caminhos e possibilidades de utilização crítica e consciente das tecnologias educacionais, de novas formas de trabalho coletivo e do significado dessa mudança de postura na construção do conhecimento.

É certo que uma sala de aula *virtual* continua sendo uma sala de aula, pois sua composição básica mantém-se. Entretanto, a gestão do conhecimento pelo professor para uma aprendizagem efetiva exigirá saberes e estratégias pedagógicas distintas daquelas desenvolvidas e aplicadas pelos docentes da educação presencial.

Referências bibliográficas

- ALONSO, K. M. Tecnologias da Informação e Comunicação e Formação de Professores. **Educação e Sociedade**, v. 29, p. 747-768, 2008.
- BEHRENS, M.A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A. e MASSETO, M. T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- BRIGGS, S. Changing roles and competencies of academics. **Active Learning in Higher Education**, v. 6, n. 3, p. 256-268, 2005.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Artmed, 2000.
- HARGREAVES, A. **O ensino na Sociedade do Conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KENSKI, V. M. Novas tecnologias, o redirecionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Ação Educativa/ Anped. 1998.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP. Papirus, 2003.

- LITWIN, E. **Educação a distância – Temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre, RS. Artmed Editoras, 2001.
- MAYADAS, A. F.; BOURNE, J.; BACSICH, P. Online education today. **Science**, v. 323, 2009 p. 85-89.
- MILL, D. Teletrabalho, tecnologia e relações sociais de sexo na educação a distância. In: MILL, D. **Educação a distância e trabalho docente virtual**. 2006. 322f. Tese (Doutorado em Educação) — FAE/UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- MILL, D.; JORGE, G. Letramento, cognição e processos de inclusão em sociedades digitais. **Vertentes**, Edição Especial, São João Del Rei, 2007.
- MUNDIM, Kleber Carlos. **Ensino a distância no Brasil: problemas e desafios**. In: Brasil Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. **Desafios da educação a distância na formação de professores**. Brasília: SEED/MEC, 2006.
- NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.
- SHULMAN, L. S. Those who understands: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**, v.17, n.1. 1986 , p.4-14
- SHULMAN, L. S. Knowledge and teaching: foundations of a new reform. **Harward Educational Review**, v.57, n.1, 1987.